

Tradução de TAUSSIG, Michael. "NYPD Blues". In: Walter Benjamin's Grave. Chicago: University of Chicago Press, 2006.

NYPD Blues

Tradução de TAUSSIG, Michael. "NYPD Blues". In: Walter Benjamin's Grave. Chicago: University of Chicago Press, 2006.

Michael Taussig

Tradutor: Carolina Parreiras e Juliana B. Valente



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/9917>

DOI: [10.4000/pontourbe.9917](https://doi.org/10.4000/pontourbe.9917)

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Michael Taussig, « NYPD Blues », *Ponto Urbe* [Online], 27 | 2020, posto online no dia 28 dezembro 2020, consultado o 30 dezembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/9917> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.9917>

Este documento foi criado de forma automática no dia 30 dezembro 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Tradução de TAUSSIG, Michael. “NYPD Blues”. In: Walter Benjamin’s Grave. Chicago: University of Chicago Press, 2006.

NYPD Blues

Tradução de TAUSSIG, Michael. “NYPD Blues”. In: Walter Benjamin’s Grave. Chicago: University of Chicago Press, 2006.

Michael Taussig

Tradução : Carolina Parreiras e Juliana B. Valente

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 22/04/2020

Aceitação / Accepted 05/12/2020

NYPD Blues

- 1 Quando George W. Bush veio para a cidade para a Convenção Nacional Republicana de 2004, o Departamento de Polícia da Cidade de Nova Iorque (*New York City Police Department*) - conhecido como NYP, ou “o Melhor de Nova Iorque (e hoje o Mais Corajoso)”¹ - recolheu milhares de pessoas que protestavam das ruas dia após dia, realizando grandes arrastões², apesar da maior parte das pessoas não estarem realizando nenhuma atividade ilegal. Isso foi confirmado por extensas evidências em vídeo, algumas das quais foram adulteradas pela polícia e pelo Ministério Público. As pessoas foram “processadas” em “celas” quimicamente poluídas, montadas rapidamente no Pier 57, perto do rio Hudson, conhecido hoje como Guantanamo-no-Hudson, um procedimento que normalmente dura no máximo algumas horas. Contudo, para a maior parte das 1800 pessoas que foram apreendidas, demorou até três dias, nos quais receberam pouca comida e água. Muitos desenvolveram irritações de pele alarmantes e que eram resultado do resíduo químico que ficou no chão em que tiveram que dormir. Outros desenvolveram distúrbios corporais sistêmicos. Mas as ruas da cidade de Nova Iorque foram mantidas livres dos protestos durante toda a convenção.

Esse era o objetivo. Nova Iorque tinha sido convertida em uma vila Potemkin³, como um cenário, um lugar artificial com pessoas felizes e sorridentes recepcionando com rosas seus libertadores de armas em punho, do mesmo modo como era esperado quando eles adentraram em Bagdá.

- 2 Essas Vilas Potemkin são criadas nas ocasiões em que o 43º Presidente e sua cavalaria aterrisam numa cidade do Terceiro Mundo. Nova Iorque não foi uma exceção. O policiamento não é só uma questão de força material, mas daquilo que o romancista J. M. Coetzee, em uma estória sobre a atividade da CIA durante a Guerra do Vietnã, nomeou de “guerra mitológica”⁴. Essa guerra vem facilmente para a polícia, sugeriu o jovem Walter Benjamin na Alemanha, em 1920, por conta de sua existência fantasmagórica, um tipo suspenso de vazio violento⁵.
- 3 O que Benjamin quis dizer é que a polícia ocupa um tipo de “terra de ninguém”, indispensável à manutenção da lei. A “lei” da polícia, ele diz, é *independente* do restante da lei. Ela assinala o ponto em que o Estado... não consegue mais garantir, por meio dessa ordem, os fins empíricos que ele deseja alcançar a qualquer preço”⁶. Essa afirmação assustadora significa que as pessoas a quem pagamos para manter a lei estão livres dela para conseguir dar andamento ao seu trabalho. Em um tempo de segurança nacional⁷, isso não poderia ser mais claro, agora que a exceção é obviamente a regra, agora quando as pessoas são torturadas e deixadas para apodrecer em celas em locais como a Baía de Guantánamo, em Cuba (um país insultado pelos Estados Unidos por conta de sua falta de democracia), e quando a evidência é retida com a justificativa da “segurança nacional”. Para que não achem que esse estado de exceção está atrelado ao pós-11 de setembro, vamos examinar os registros antes desse evento, lembrando que Benjamin escreveu suas ideias sobre a polícia uma década antes dos nazistas tomarem o poder.
- 4 Da perspectiva de Benjamin, assim como a partir do registro da NYPD, parece-nos que independentemente do quanto desejamos tirar pela raiz a corrupção de dentro da polícia, o fazemos como um certo “otimismo da vontade, pessimismo da razão”, entendendo nossa tarefa como infundável na sua necessidade. Quanto à nossa tarefa, qual é ela exatamente? Não estamos, de nossa maneira, tentando policiar a polícia? Ou, cientes dessa armadilha, devemos também nos policiar? Talvez exista uma terceira opção, aquela de uma crítica que sucumbe à sua própria crítica como fonte de sabedoria.
- 5 Policiar a polícia diz respeito ao que desde o tempo de Benjamin tem sido chamado de “direitos humanos”, cujos fiscalizadores formam um movimento cultural e burocrático ao redor do mundo, especialmente nos países do terceiro mundo. É difícil imaginar os direitos humanos sendo invocados na cidade Nova Iorque ou nos Estados Unidos em geral, apesar disso ocorrer cada vez mais. Contudo, o que distingue a análise de Benjamin sobre a polícia de outras organizações, assim como do liberalismo em geral, é o seu argumento de que a polícia não é, e nunca poderia ser, sujeita à lei⁸. A que então a polícia está sujeita? Com essa pergunta em mente, a noção de Coetzee de “guerra mitológica” ganha poder sem precedentes quando trazida das guerras executadas contra países pobres de terceiro mundo, como no Vietnã ou no Iraque, e aplicadas bem aqui em terra natal.
- 6 “Tiras rigorosos, não tiras brutais”⁹, rogou um editorial do New York Times na época em que rascunhei essas ideias pela primeira vez. Um editorial que, ao tentar separar o rigor da brutalidade, se percebeu coberto de contradições, reduzido ao moralista que

reprime ao invés de fornecer um argumento elaborado. O comissário de polícia de Nova Iorque é citado dizendo que “os oficiais de polícia estão ‘entre a cruz e a espada’¹⁰ porque não há como eles retomarem os bairros tomados pelas drogas sem serem duros”. “Verdade”, continua o autor do editorial, “mas como o Comissário também nota, há ‘uma forma correta e uma forma errada de fazê-lo’ [e] nenhum(a) policial que é digno(a) de seu distintivo pode deixar de reconhecer a diferença entre policiamento agressivo e a brutalidade”¹¹. Contudo, o ponto é que a diferença é ilusória, a contradição insuperável, o mesmo que ocorre com noções como “violência desnecessária” ou “violência irracional”. E é por isso que o autor do editorial dá seguimento à retórica do comissário, invocando, em sua conclusão, o talismã mágico do distintivo, ou seja, o distintivo policial no formato de um escudo.

- 7 Vamos lembrar a cena-do-distintivo, muitos anos atrás, na 13ª Delegacia da NYPD localizada no noroeste do bairro Harlem, na cidade de Nova Iorque, uma área que minha universidade - a Columbia - está prestes a adquirir¹² em uma das remoções de pessoas negras mais espetaculares na história da cidade de Nova Iorque. Há muitos anos, naquela delegacia, policiais acusados de corrupção tiveram seus distintivos solenemente removidos pelo comissário em um ritual hábil de castração e decapitação de um George Nova, que desde que era uma criança, ou assim dizem, queria ser um tira. Ali estava um policial esplêndido. “É surpreendente como alguém podia ser tão bom. Ele simplesmente tinha o dom”, disse um supervisor da 13ª Delegacia. Nova tinha uma sensibilidade inquietante do crime. Mas, ao mesmo tempo, como foi revelado, no fim ele era o mais desonesto de todos. O melhor era o pior. Tais são os modos de policiar. Note-se que durante sua carreira brilhante, até ser apreendido, ele tinha apenas uma “notação disciplinar”, uma pequena infração - emprestar o seu distintivo para um amigo usar como fantasia de Halloween¹³. Então lembramos não do policial que se tornou um ladrão, mas do ladrão que se tornou um dos maiores escritores franceses, mas também um santo - São Jean Genet -, esmagado no balcão pela força e segurança de Bernardini: “o que me emocionava mais era a presença invisível da sua placa de inspetor. O objeto de metal tinha para mim o poder de um isqueiro nos dedos de um operário, de um gancho de cinto, da trava de um revólver, de um calibre, onde se amontoa violentamente a virtude dos machos. Sozinho com ele, num canto de sombra, eu talvez tivesse tido a audácia de roçar a fazenda, de passar a mão sob a lapela do paletó onde habitualmente os tiras usam o distintivo [e eu teria me estremecido como se estivesse abrindo suas calças]”.¹⁴
- 8 Parece paradoxal que esse ladrão pudesse ser tão enamorado por tiras, seus distintivos e seus penises. Mas talvez este seja o ponto - o tensionamento da contradição dentro daquilo-que-mesmo-assim-todos-nós-sabemos. Não é que os tiras são ladrões, também. Não! Eu insisto na diferença! Se eles são ladrões, então eles são “tiras-ladrões”, *homens-duplos* como Elias Canetti chama os lobisomens e pessoas dotadas de poderes mágicos identificadas miticamente com seus totens¹⁵. O ponto é que tiras e ladrões são eroticamente interligados e que um fio de linha azul que os separa é mais como um véu em um *striptease*. Ao final, possivelmente, o sexo é ruim e talvez Genet tenha um problema aqui, mas essa é outra discussão. O que nos prende aqui são as propriedades curiosas da distinção *unindo* o criminoso com o policial, algo que Nietzsche, por sua vez, deixou claro quando argumentou que a polícia é pior que o criminoso, porque fazem as mesmas coisas, mas em nome da lei.

- 9 “Tudo é justo no amor e na guerra”. Um ensaio publicado na *New Yorker*, em 1994, sobre o Ministério Público dos EUA no Distrito Norte de Illinois e sua acusação dos guardas florestais do Parque Blackstone ressalta isso de forma surpreendente. Chamando a atenção para a assim chamada tendência “moderna” no cumprimento da lei de processar organizações criminais inteiras, como gangues e famílias da Máfia, no lugar de indivíduos, o artigo nota que essa tendência se baseia fortemente na aliança entre promotores e dedos-duros dessas organizações. Entretanto, cheio de riscos, o perigo maior de tal dependência “não é que aqueles que aparentam ser pólos opostos - promotores e criminosos - talvez nunca encontrem uma forma de trabalharem juntos”, diz o autor. “Mas que é exatamente o oposto - os bons moços e os maus moços podem se apaixonar”¹⁶.
- 10 Agora, “se apaixonar” é uma dessas expressões metaforicamente capciosas que são perfeitas para o mundo teatral de tiras e criminosos¹⁷ - “caras bons e caras maus” -, onde a paixão, não menos que a ambivalência, goteja de todos os poros. Cair de paixão - das alturas da lei para o buraco, para os desejos dos criminosos, para o profano - é aqui predestinado como uma mitologia antiga, apesar da “modernidade” de tudo isso, incluindo máquinas de fax, armas automáticas e gravadores. Em certo momento, uma gravação em fita foi secretamente feita de uma ligação entre a assistente do chefe da promotoria e um dos “dedos-duros” na cadeia, o que é um ótimo exemplo da polícia policiando a polícia. A fita foi reproduzida em uma audiência como evidência contra o promotor. Foi, para dizer o mínimo, vergonhoso: uma questão de sexo por telefone numa ligação entre o escritório federal da promotoria no centro de Chicago e o Centro Metropolitano de Detenção e ninguém conseguia dizer quem estava se insinuando sexualmente para quem - a assistente da promotoria ou o assassino confesso.
- Ela riu. “Dez minutos numa sala trancada. Só precisaria disso”. “Tudo bem, Rindy”, disse Hunter mudando de assunto. “Já deu de falar de negócios por hoje. Você precisa me contar estórias de ninar”.
- “Te contar uma estória de ninar? Poxa”. “Sim, eu fico tenso também. Você sabe”. “Coitadinho”.
- “E você me ajuda a liberar minha tensão”. “Eu não sei, Eugene”, Luchetta disse. “Ahn, deixa eu ver que tipo de estória posso te contar...O que você gostaria que eu fizesse primeiro?” “Eu só quero olhar”. “Olhar, mas não tocar”, disse Luchetta. “Eu acho que não”¹⁸.
- 11 E assim foi, através de ondas de tumescência telefônica que se acumulavam, ligando o captor ao prisioneiro, promotor ao assassino/informante.
- 12 A sala de audiência ficou silenciosa quando essa fita foi exibida. “Na verdade”, comenta o autor, “não fica claro precisamente qual regra, e se alguma delas, foi quebrada por esta conversa... Ela era inapropriada, bizarra e vergonhosa, mas não, possivelmente, ilegal”. O efeito erótico e espectral da ambiguidade é reforçado pela escolha do autor por uma linguagem figurada e por sua suposição de que, para o juiz que presidia, essa conversa gravada foi a última gota, a indicação final e clara de que a promotoria e os criminosos tinham “deixado de operar com uma distância entre eles e que a sua aliança era profana”¹⁹. Genet seria o primeiro a testemunhar sobre a necessidade inerente, além de profana, dessa aliança.
- 13 Em sua reivindicação por uma “sociologia sagrada” do mundo moderno depois da morte de Deus, Georges Bataille e Michel Leiris sintetizaram esta aliança profana tal como esta aqui apresentada entre criminosos e a polícia. Buscando uma definição da noção de sagrado em um mundo profano, Leiris sugeriu que era qualquer coisa

caracterizada pela ambiguidade, o perigo, a excitação e a proibição. Bataille acrescentou nojo, medo e atração. Ainda mais definidor era o vai e vem entre os polos negativos e positivos do sagrado em um mundo profano, havendo toda razão para incluir o diabólico, o sórdido e o vil em si como não menos sagrados do que as boas coisas que preferimos designar com esse rótulo. O mundo moderno retirou o sagrado desse outro sentido assustador e fez o seu melhor para sanitizar a igreja, reprimindo a natureza indecente do poder religioso. Mas as sociedades primitivas sabiam melhor, assim como sabe a polícia.

- 14 Não menos espectral é o elaborado enigma jogado entre os tiras e as salas de audiência, policiando nas ruas turbulentas e desordenadas, de um lado, e a calma adjudicação da justiça perante o banco dos réus, de outro. Onde um termina e o outro começa? Onde a lei da força cede à força da lei? O que se faz com a situação do tipo “as roupas novas do imperador” em que juízes e promotores da cidade de Nova Iorque, por exemplo, dão uma aprovação tácita ao perjúrio dos tiras durante a audiência? O chefe da divisão de defesa criminal da *Legal Aid Society*²⁰ de Nova Iorque é citado recentemente dizendo que “a polícia regularmente inventa testemunhas, adultera seu testemunho para se adequar às objeções constitucionais e altera os registros de apreensão”. Ainda mais, “promotores e juízes fazem vista grossa”²¹.
- 15 A performance dramática é crucial para o sucesso desse segredo público, que monta o palco para o drama recorrente de força e fraude no coração do sistema de justiça dos Estados Unidos. O tribunal serve como peça dentro da peça. Como foi dito na audiência por perjúrio de um policial, John Rossi, que espancou um prisioneiro chamado Luis Mora para extorquir uma confissão falsa que exoneraria o oficial de ter cometido uma pequena infração: “Esse perjúrio é monstruoso porque a mentira se parece com a verdade. Luis Mora parecia culpado para John Rossi. Ele se vestia de forma culpada. Ele tinha inscrita, no seu histórico criminal, a culpa. Luis Mora era o cara perfeito para ser acusado. John Rossi sabia, depois de todos esses anos trabalhando como assistente de promotoria distrital, de testemunhar perante o júri, de testemunhar perante os juízes, que ele não teria dificuldade de fazer Luis Mora o boi de piranha²². Mas, para a comunidade policial, o processo contra o policial Rossi era “equivocado e demasiadamente detalhista”. Ele deixava de considerar os perigos e as dificuldades do trabalho de policiamento.
- 16 O mais estranho de tudo é que, para o policial Rossi, parecia que nada havia acontecido. Ele nem acreditava que havia um processo em andamento contra ele. “Do momento em que percebi que eles iriam me processar até agora”, ele disse após ter sido sentenciado, “tem sido além da minha compreensão. Parece ficcional”²³.
- 17 E bem, ele pode estar mesmerizado pela névoa alucinatória em sua ficção. Afinal de contas, uma advogada, escrevendo um mês antes dessa reportagem, afirmou que, em seus 16 anos trabalhando na cidade, ela nunca vira nem ouvira de um promotor da cidade de Nova Iorque processando um tira por perjúrio. Ademais, ela diz que enquanto é rotineiro, nas audiências, ouvir policiais dando evidências que forçariam a credulidade de uma criança de sete anos de idade, os juízes raramente rejeitam esses testemunhos como falsos²⁴.
- 18 Mas não é esse mesmo sistema que nos deixa saber de sua corrupção? Não é essa sua salvação? Contudo, e se essas confissões não modificarem nada, como parece ser o caso? Mais do que provável. Como podemos entender isso? Esse é então o derradeiro no teatro e no ritual - confissões e comissões de inquérito, testemunhas em máscaras

negras de esquí e todo um elenco de suporte que performa um ritual público de purgação com cada novo prefeito ou a cada década, uma confissão forçada aos deuses da cidade? Adeus à terra das certezas não menores que a absolvição; o melhor que se pode esperar é um “nível mínimo” de maldade atingido através de fresagem frequentes e regulares, tal como limpar o vaso sanitário. Seria esse o símbolo máximo do divino, revelando quão escassa, ainda que miraculosa, a justiça é?

- 19 Aqui está uma dessas fresagens. Dizem à Comissão sobre Corrupção... Dois policiais dirigiam um carro de patrulha da 13ª Delegacia, no noroeste do Harlem. Diz o relatório que “um indivíduo sob efeito de drogas” estava atirando em um outro homem. Os dois policiais “saíram correndo” dos seus carros enquanto outros traficantes se juntaram. “Lá parecia o Vietnã”, disse um policial. O policial Vasquez feriu um homem a tiros, mas enquanto recarregava sua arma, o homem atingido cambaleou e ficou de joelhos, apesar dos ferimentos graves, apontando sua arma para Vasquez. Sem hesitar, o parceiro de Vasquez, Jorge Alvarez, se jogou na frente dele e matou o quase-assassino. Alguns meses depois, como numa tragédia grega, Alvarez entregou seu parceiro por corrupção como forma de mitigar seu próprio envolvimento no crime. Sim! Talvez “lá” fosse como o Vietnã. O heroísmo de Alvarez assombrou a mente de outros policiais. “Você tem que rever a situação e se perguntar se Jorge fez um favor ao Vasquez ou não”, comentou um policial. “Talvez a melhor coisa fosse se Vasquez tivesse morrido ali. Ele teria sido um herói. Sua família teria recebido uma pensão. Agora sua família foi desonrada. Ele está se deparando com a possibilidade de prisão perpétua. Quem gostaria de estar no seu lugar?” Investigadores policiando a polícia “permanecem incertos de quando e por que algum policial se corrompe”. É apontado que a melhor cobertura é fazer seu trabalho não apenas bem, mas muito bem. O melhor jeito de ser o pior é ser o melhor. O relatório fala de tiras “sendo como a praia” - que metáfora estranha! - sujeitos à erosão contínua pelas tentações colocadas pelo crime²⁵. Você consegue ver as ondas de um mar agitado batendo, ondas de dinheiro, ondas de drogas, ondas de segredos vindos de um oceano poluído.
- 20 O relatório diz sobre homens “se desfazendo”, sobrecarregados pelo tamanho do pagamento mensal dos seus financiamentos; os impostos não pagos; os Datsun que possuem com quase 200 mil milhas de rodagem; a casa hipotecada; separações; divórcios; históricos de desfavorecimento. Então se tem os sacos de papel com dezenas de milhares de dólares recolhidos nas bodegas. Quem poderia resistir?
- 21 Mas qualquer dessas coisas explicaria se jogar na frente de seu parceiro para salvar a sua vida?
- 22 O drama é simples e cativante: homens honestos recrutados aos poucos não só para o crime, mas para a traição. Afinal, eles são policiais e sucumbir ao crime é cometer um crime duplo. Não são ladrões, mas “policiais-ladrões”. Homens duplos. A arte da transformação: não haverá apenas nisso uma sedução? Não seria o prazer da traição de Genet, o “eterno retorno” da primeira grande transgressão como o caminho para a santidade? E o relatório diz que conseguiu uma compreensão parcial do “caminho para o lado obscuro da lei”. Observamos chocados - ainda que intrigados - pela inevitabilidade horrenda evocada pela noção de um “caminho” para as profundezas tormentosas. Que caminho é esse? Enfeitiçado pelo drama humano, entretanto, o relatório deixa de dar seguimento ao seu insight - de que a lei em si, não menos que os seres humanos, depende - mas deve negar - este “lado obscuro” como parte de sua própria existência.

- 23 Como o policiamento caminha junto à “estrada para o lado obscuro”, ele cria uma hierarquia de camadas invisíveis de outra polícia - talvez uma polícia “melhor” e mais “nobre” - cuja função é policiar a polícia. Note que a prática, consagrada pelo tempo, de utilizar um ladrão para pegar um ladrão, assim como a prática agora rotineira de escuta clandestina, em que um tira é conectado a um gravador por um pequeno microfone, como um animal de caça, criando uma armadilha, através de uma conversa incriminadora, para um colega tira durante um churrasco da Sociedade Benevolente de Policiais. Essa prática resultou em outras práticas atuais da polícia de secretamente vestir detectores de escuta disponíveis em “lojas de espionagem” na cidade de Nova Iorque. Não vamos nos esquecer do papel do FBI em conduzir operações de flagrante com paciência e astúcia ao longo de muitos meses. Essas operações envolvem (mais uma vez) os notórios sacos de papel com 10 mil dólares dentro deles, deixados sobre balcões de cozinha, sob a vigilância de uma câmera de vídeo escondida para capturar o policial que é incapaz de resistir à isca, enquanto vasculha apartamentos procurando drogas. Tudo isto nos leva a outras perguntas a respeito da guerra mitológica, que como as histórias de espionagem na arte e na vida real, implica mundos dentro de mundos de suspeita, disfarce e engano mútuos. A lei pode depender de algo tão fluido e misterioso como o policiamento por meio da regressão infinita? Quem policia a polícia policiando a polícia? É como os xamãs descritos por Platão em *Íon*, como eu os discerni no sudoeste da Colômbia, cada um dependente de outro mais poderoso - e aquele no final, na nascente do rio, perdido na floresta, como ele seria? Que língua ele falaria? Quem ele consultaria em seus momentos de insight e fraqueza? Dizem que J. Edgar Hoover, o infame chefe do FBI, tinha trinta e cinco gavetas e seis armários de arquivos a que ninguém, além de sua secretária pessoal, tinha acesso, com sujeiras de presidentes, políticos importantes e oficiais (incluindo oficiais do FBI). É esse o ponto final? Quando ele morreu, houve pânico. Sua secretária, Helen Gandy, precisou esconder os arquivos na casa de Hoover e então destruiu uma quantidade não especificada deles. Mas ela destruiu tudo? E por que esse misterioso veio de sujeira²⁶ sobre os ricos e poderosos é às vezes referido como “ouro” e em outros momentos como “balde de vermes”²⁷?
- 24 Mas a característica mais intrigante no teatro de visibilidade e invisibilidade é a atenção frequente da mídia ao policial à paisana²⁸ que prende um criminoso - como em um salão de cabeleireiros ou em um carro acima da velocidade. Essas histórias nunca deixam de me impressionar, apesar de não saber por quê. Seria por que esse policiamento - como um ministro religioso ou um médico, por exemplo - é mais do que apenas um trabalho, tanto que mesmo fora de serviço ainda se está trabalhando? Seria por que de repente você é obrigado a reconhecer que nunca sabe se a pessoa ao seu lado é um policial à paisana e que a linha entre a polícia e o público não é definida de forma uniforme, enquanto você sempre pensou que era e deveria ser? Seria por que há algo quase sobrenatural e certamente hollywoodiano sobre a transformação repentina do Clark Kent na figura do Super-Homem? Ou seria pela alegria que se sente ao ver que o jogo mudou inesperadamente em um criminoso tirando vantagem de um público desavisado?
- 25 Não posso deixar de me perguntar sobre as demonstrações um tanto quanto patéticas de rebelião envolvidas na minha troca entre *policial* e *tira*. A palavra *tira*, não menos que *policial*, aparenta ter o incrível poder ambivalente daquelas estranhas palavras “primitivas” para as quais Freud nos chamou a atenção²⁹. Mas o termo *tira* é duplamente curioso como um termo inferior ou duvidoso; não só ele tem seu

equivalente oficial no termo *policial*, mas ele tem penetrado, se não o oficial, então certamente o quase oficial e respeitável léxico dos Estados Unidos. Seu uso expressa não somente uma distância crítica da “polícia”, mas uma mistura peculiar de insulto e ternura, e muito do mesmo se aplica à litania de denominações de policial, tais como, *tira, verme, porco, gambé*³⁰ e assim por diante. (Deveria ser um motivo de preocupação que a proliferação desses nomes parece estar diminuindo. Talvez eles sejam muito lúdicos? Talvez não haja mais o espaço mítico para tais nomes e a polícia atingiu o ápice da perfeição que é o inominável).

- 26 Se o vai e vem entre *tira* e *policial* fornece evidência linguística da duplicidade que se encontra no cerne do policiamento, a observação folclórica da coreografia de “bom policial, mau policial”³¹ oferece *testemunho* (agora eu também acho a linguagem da lei irresistível!) de que o policiamento facilmente se permite a essa representação teatral. O ponto é que a ameaça colocada pelo “mau policial” é ainda menos importante do que a duplicidade chocante do “bom policial”. Também é um testemunho (!) para a ambivalência que produz a qualidade sagrada de uma autoridade, cuja corrupção manifesta uma constelação específica de atração e igualmente de grande repulsão³².
- 27 Vamos enfatizar neste momento, portanto, a interpretação de Freud da etnografia existente e da referência clássica em que ele notou as seguintes características proeminentes do tabu. “O significado de ‘tabu’ como vemos”, ele escreveu (em 1913), “diverge em duas direções contrárias. Para nós, significa, de um lado, ‘sagrado’, ‘consagrado’ e, do outro, ‘excepcional’, ‘perigoso’, ‘proibido’, ‘sujo’” (tradução nossa). Ademais, o contato com a pessoa ou o objeto de tabu, ele notou (como o fato mais estranho de todos), leva ao contágio através do mesmo poder, que faz com que aquela pessoa, por sua vez, adquira a propriedade de se tornar tabu³³.
- 28 É a mesma pureza-e-impureza sagrada do policiamento que me parece estar subjacente à figura do policial-come-fantasma de Benjamin. Claro, o poder mágico do morto é um fenômeno quase universal. Mas, para Benjamin, este poder mágico é bastante acentuado por uma degradação perturbadora, uma podridão efervescente, no cerne do policiamento. Deixe-me explicar.
- 29 O poder deles é amorfo, Benjamin disse a respeito da polícia, como “não tem figura sua aparição espectral, jamais tangível que permeia toda a vida dos Estados civilizados”³⁴. Em uma era de revolução e contrarrevolução repleta das implicações que a violência coloca para a razão, não menos que para a lei, Benjamin (com seus 28 anos de idade) dedicou-se, em 1920, a definir os direitos do uso da violência - como na greve geral do proletariado e com o que ele chamou de “justiça divina da aniquilação”, que é oposta à “violência mítica que instaura o direito”³⁵. Ele estava particularmente interessado no fenômeno que desestabiliza a fronteira entre poder e direito, e destaca a pena de morte, por exemplo, como o ato de manutenção da lei, o qual, através do seu exercício da possibilidade mais violenta dentro do sistema legal, o poder sobre a vida e a morte, irresistivelmente traz à tona a origem violenta da lei, ao mesmo tempo em que atua para manter a lei e, portanto, revela o que ele chamou de “podridão” dentro do direito. “Podridão” significou as mistificações que separam, mas também unem, violência à razão - o exemplo mais claro sendo o papel exercido pela polícia que, por meio da violência ou da ameaça da violência, diariamente *produz* a lei enquanto a *mantém*. O policiamento vai além da “podridão” implicada na pena de morte, no que Benjamin vê como “ignomínia”, uma “combinação muito mais monstruosa” da violência que preserva e instaura o direito.

- 30 Essa repulsa descarada, exibida por Benjamin em relação aos nossos meninos de azul, me parece estranha em um ensaio que ademais é notável por seu tom elevado e sombrio, posicionado no limiar do encantamento. É como se essa mistura de categorias o chateasse mais do que a realidade violenta que ele visa iluminar. Portanto, em sua tentativa de fixar o que está no cerne do policiamento, ele usa uma variedade de termos em rápida sucessão, movendo-se da *podridão* dentro do direito, como revelada pela pena de morte, para uma *combinação muito mais não natural e monstruosa*, a *mistura* espectral, a *ignonímia* que surge da *suspensão da separação*, e, finalmente, para a *emancipação* das condições de instaurar e manter o direito³⁶.
- 31 Meu ponto é simples. É a palavra *podridão* que me chama a atenção. Como em Bataille:
O que é sagrado sem dúvida corresponde ao objeto de horror do qual falei, um objeto fétido, grudento e sem limites, que prolifera com a vida e ainda assim é um signo da morte. É natureza na medida em que sua efervescência une de perto vida e morte, onde é a morte devorando a vida com uma substância decomposta.³⁷
- 32 O que une “podridão” e “combinações monstruosas” à “espectralidade”? E se é essa podridão magnificada da polícia a responsável pela natureza espectral do policiamento que assombra os estados democráticos, então só nos leva a considerar em que grau e de que formas a lei que instaura a violência em qualquer sociedade particular pode continuar a “habitar” a manutenção contemporânea da lei. Mas o que mais essa monstruosidade pode significar além da “combinação monstruosa” de fins e meios, produzir a lei e manter a lei.
- 33 Aqui o esforço de Benjamin de enquadrar teologicamente a discussão da violência policial nas democracias pode ser reformulado ao se levar em consideração a sociologia sagrada do tabu e da transgressão, entendendo-se que a natureza espectral da polícia *não se deve a limites obscuros, mas à demanda incessante por transgressão pelo próprio limite*³⁸. Não nos esqueçamos que é a polícia que controla esta tênue linha azul³⁹. Eles são a linha. Ela não existe independentemente deles e, ao final, não é uma linha, mas é porosa e só existe na medida em que é transgredida. Na análise final - mas é claro que nunca há uma - a etnografia é clara: para a polícia, a vida é uma praia⁴⁰.
- 34 Entre a terra e a água, a praia é a zona pré-histórica onde a vida começou. Essa pré-historicidade - pode se interpretar que Benjamin está argumentando, em seu ensaio, sobre Kafka⁴¹ - é reativada pelo Estado moderno e a polícia está à frente nesta empreitada primordial. Onde isso colocaria a teoria de poder de Thomas Hobbes, Hobbes o materialista, com a sua teoria mística do “temor”, intrínseca àquela espada infame “sem a qual os pactos não passam de palavras”? Onde isso coloca o Leviatã, rastejando para fora da lama em direção a essa mesma praia?
- 35 A espada, que garante o poder das palavras, está fora do círculo de palavras. O seu “sentido” utiliza de outros domínios de referência e léxico de sentimento. Não é fácil falar deles. Faltam palavras. Nessa alteridade, no mundo concreto de corpos e armas, o temor da espada de Hobbes permite a perfeição mística do Leviatã - o sentido sendo que o temor, como a força necessária para a lei, é o produto místico da *profanação*; o esplendor criado quando a nobreza indiferente à lei se curva à brutalidade. Esse é o movimento. Este é o momento. O Leviatã, o deus mortal, é um monstro, afinal, o grande inimigo de Deus, cujo status sublime repousa na metamorfose da brutalidade em força sagrada.
- 36 Acrescida a esta qualidade sagrada da brutalidade está a mera inexplicabilidade que *deve* definir o terror - especialmente o terror que sustenta a razão como um movimento

mitológico histórico mundial. Considere a prevalência e a importância da violência para a qual o ensaio de Benjamin nos alerta, nos atos de instauração do direito e nas mitologias do Estado moderno. Nós já insinuamos a alegoria de Freud sobre o parricídio na formação do tabu (do incesto), portanto, da lei. Mas notemos também a violência fundadora da lei na grande burguesia tanto quanto na grande revolução comunista. Considere também a violência em várias das grandes lutas anticoloniais. Finalmente, considere essas mitologias ocidentais: a expulsão do Jardim do Éden (eu consigo ver um anjo com sua espada incandescente enquanto escrevo); a violência necessária para resgatar os acorrentados na caverna de Platão, arrastando-os enquanto esperneiam e gritam em direção à beleza da luz radiante do sol e com isso há a fundação da República, baseada puramente na Lei; a misteriosa violência de Hegel que do nada inicia a fenomenologia com a batalha de vida-e-morte do dono e do escravo - “Portanto”, escreve Kojève em relação à fenomenologia, “para falar sobre a ‘origem’ da Autoconsciência, é necessário falar de uma luta até a morte pelo ‘reconhecimento’” (tradução nossa). Neste esquema, “é no Terror que o Estado se realiza” (tradução nossa)⁴². O que é tão enervante com tudo isso é que o terror é o que abre caminho para o governo da razão, porém está para além da razão. É um dado, absoluto de certa forma, onde a explicação cessa. Ela pertence aos deuses.

37 Em um movimento que coincidiu com uma mudança geral de interesse, nas Ciências Sociais, em direção à cultura e aos símbolos, Louis Althusser colocou o que ele considerava um marxismo vulgar de ponta-cabeça, ensinando que o Estado era uma força cultural e não simplesmente um “grupo de homens armados”. No entanto, o que parece negligenciado é exatamente a cultura dos homens armados, ou seja, a cultura da força, da força bruta e da violência sem controle *cujo significado é não outro do que ele mesmo*⁴³. A entrada de Althusser na cultura estava baseada no que hoje certamente seria considerado como uma visão de cultura tristemente empobrecida, cultura como uma restrição, uma força ritualística externa que ele também chamou de “práticas materiais”. Mas foi um de seus alunos, Nicos Poulantzas, que, não muito antes de se matar, propôs a teoria da natureza teatral da violência estatal, assim unindo o “materialismo” do seu mestre, pelo menos no que se refere ao corpo humano e à tecnologia das armas, com as fantásticas - teatrais - figuras e surtos emocionais que acompanham a violência. Era como uma confissão sobre algo vago que sempre esteve presente, porém negado no vasto sistema sociológico moderno e na teoria política, mas que agora, graças a Maio de 68 e à Guerra do Vietnã, acendeu uma apreciação do estadismo como arte teatral. “A repressão”, ele escreveu, “jamais é pura negatividade: não se esgota nem no exercício efetivo da violência física, nem em sua interiorização. Há na repressão outra coisa da qual raramente se fala: os mecanismos do medo.” Chamei esses mecanismos, ele continua, “de teatralidade do Estado moderno, verdadeiro Castelo de Kafka. Teatralidade inscrita na lei moderna, nos dédalos e labirintos onde essa lei se materializa”.⁴⁴

38 O que é fascinante é a falta de conversa que Poulantzas se esforça para falar sobre e o que o silêncio sobre os mecanismos do medo implicam com relação ao poder teatral do castelo como, com vigor alarmante, quando eu escrevi a primeira versão deste ensaio, acontece a reivindicação, em 1995, aqui em Nova Iorque, como em outros lugares, por mais polícia, mais prisões e mais pena de morte. O quão inocente até isso parece agora após o 11 de Setembro, onde o medo sobre o qual Poulantzas fala e a “impureza

sagrada” do policiamento, da qual eu mesmo falo, se torna tão aparente, porém, ao mesmo tempo, silencia.

- 39 Pois onde o silêncio encontra uma saída é neste exato outro teatro, o teatro “sagrado negativo”, fantástico por excelência, do submundo, da Máfia, das gangues, dos abusadores de crianças, dos traficantes de crack, dos responsáveis pelas bombas de Oklahoma e agora “o inimigo” sempre vigilante por todos os lados e em todas as casas cujo nome é terrorista. Nesta imagem desesperadora do mal, o castelo se sustenta. E enquanto o teatro do castelo precisa deste outro teatro e vice-versa, de tal forma que os poderes místicos de um são transformados nos poderes místicos do outro, pareceria que é sempre esse sagrado negativo - inferno e o submundo - que fornece o cenário mais convincente e o poder performativo para as bases místicas da autoridade. É por isso que o medo que *pode* ser dito é deslocado para outros lugares.
- 40 Benjamin sentiu que a pré-historicidade do mundo estatal em Kafka era incomparavelmente mais antiga que o mundo do mito. Ele sentia que a redenção - pois não podemos concluir essas rumações pessimistas sobre a inevitabilidade da corrupção sem ao menos um reconhecimento nesta direção - poderia ser imaginada, senão buscada, em algum lugar entre o mito e o conto de fadas. E certamente é o teatro vivo do cafona, onde a mitologia do sagrado, puro ou mal, é de repente retirada do policiamento e os Três Patetas assumem os julgamentos em Kafka, no deslocamento cômico sempre possível do trágico que é o crime. O policial verdadeiramente corrupto não é aquele que, praiano, é erodido pelas ondas do crime batendo nele. Pelo contrário, é ele que desajeitadamente se coloca no caminho do funcionamento regular do tabu e, ao invés de permitir a passagem livre para a conversão do crime em integridade, empresta seu distintivo para uma festa de Halloween.

NYPD Blues: o desafio de traduzir e a atualidade de interpretar Taussig

- 41 NYPD Blues, de Michael Taussig, foi um texto escrito ainda na década de 90. A versão revisada pelo autor, que ora traduzimos, é um dos ensaios que compõem o livro *Walter Benjamin's Grave*, publicado em 2006. Como o nome do livro indica, todos os artigos dialogam, de algum modo, com a obra de Walter Benjamin, autor que é uma das maiores influências de Taussig. Dentre outros méritos, que buscamos enfatizar no texto que se segue, este ensaio mostra a importância do pensamento de Benjamin contemporaneamente e alguns dos modos como ele vem influenciando debates nas ciências sociais e especificamente na antropologia.
- 42 Os argumentos apresentados em “NYPD Blues”, ainda que tenha quase 15 anos de publicação, não poderiam ser mais atuais: pensar sobre a polícia, sobre as formas de policiamento e sobre as contradições - insolúveis, concluimos com Taussig - entre o que se espera dessa polícia e o papel que ela desempenha. O exemplo escolhido para embasar a argumentação também prima pela atualidade: a famosa polícia de Nova Iorque, a NYPD (ou os bravos Blues, no jogo curioso feito pelo autor com as cores do uniforme da polícia nova-iorquina e a menção, melancólica até, ao ritmo blues, que demarca a própria melancolia ou estar “feeling blue”, deprimido, soturno).
- 43 Sabemos muito sobre a polícia de Nova Iorque. Ela aparece em várias produções cinematográficas e televisivas. Virou souvenir, uma marca da cidade, facilmente encontrada nas centenas de lojas de lembranças espalhadas por Manhattan juntamente

com a célebre Estátua da Liberdade ou as placas, camisas ou qualquer outro bibelô onde se lê “I <3 New York”. Essa iconografia certamente chama atenção, especialmente se pensarmos que esta mesma polícia é uma das mais violentas e letais dos Estados Unidos.

- 44 A proposta de Taussig é então refletir sobre os vários casos de conduta suspeita e corrupção envolvendo a polícia de Nova Iorque. O contexto abordado por ele não poderia ser mais delicado, tratando-se de um período logo após o 11 de setembro de 2001. Como em todo o país, houve um aumento considerável do policiamento na cidade, além da caça ao inimigo representado pelo terrorista. Como o próprio Taussig alerta em *Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem* (1993) e em “Terror as usual” (1992), há uma “ubiquidade da tortura, do terror e do crescimento dos exércitos” (p. 30), em que se sucedem inimigos forjados, “odiados e temidos, objetos a serem desprezados”, como o comunista, as feministas, os gays, os indígenas e negros escravizados e dizimados nos processos de exploração colonial. Essa “cultura do terror”, com seus “espaços da morte”, sua “neblina” e suas “aposições de extremos”, se torna “habitual” e passa a delimitar como inimigo o Outro, que vai sendo constantemente substituído e atualizado⁴⁵. O terrorista - sempre marcado por raça, classe social, local de origem e pertencimento - se torna, assim, o mal a ser combatido e a polícia é peça fundamental nesse processo.
- 45 No entanto, essa mesma polícia aparece envolvida em uma série de denúncias. É denunciada, por meio de organizações, como a Legal Aid Society ou a Human Rights Watch, pelas violações que comete e por sua corrupção. Como exemplo, em agosto de 2020, foram publicados online⁴⁶, pela New York Civil Liberties Union, os registros de 323.911 acusações de má conduta de policiais e ex-policiais de Nova Iorque. Os dados remontam a 1985 e envolvem mais de 81 mil policiais da cidade. A publicação destes dados coincidiu com a onda de protestos pela morte - por violência policial (que nos Estados Unidos costuma ser referida como “police brutality”/brutalidade policial) - de George Floyd, em Minneapolis. Estes protestos foram reprimidos com ainda mais violência pela polícia, como mostra um relatório⁴⁷ da Human Rights Watch. Neste, chama atenção imediatamente o fato de que o protesto em que houve mais brutalidade ocorreu em Mott Haven, uma área do Bronx, na cidade de Nova Iorque, majoritariamente habitada por negros/as (“brown and black”) e pessoas de baixa renda. Não é coincidência, é claro, tratar-se de um bairro empobrecido e ocupado por negros/as.
- 46 As proposições de Taussig nos ajudam a questionar o papel da polícia e sua relação com a lei: serão a violência e a corrupção formas de suspensão da lei, ou apenas inerentes à lei? Taussig, então, partindo do célebre e seminal ensaio de Benjamin (2013) “Para uma crítica da violência”, lança uma questão da maior importância: mas quem policia a polícia? Na medida em que há uma discrepância entre o que dela se espera e sua atuação prática, o que pode ser feito? Seria essa corrupção algo inseparável da própria origem da polícia, na qual, como pontua Benjamin, dada sua natureza espectral, “está suspensa a separação entre a violência que instaura o direito e a violência que o mantém” (Benjamin, 2013, p. 135)?
- 47 Nas frequentes intervenções letais pela polícia tanto no Brasil como nos EUA, que geraram e continuam gerando ondas de protestos em ambos os países (e coincidentemente a mesma polícia é quem deve policiar essas manifestações⁴⁸), essa questão é cada vez mais relevante. Até que ponto é possível uma reforma do sistema

policial? Estaria a solução na abolição das corporações? Essas se tornaram perguntas frequentes entre os ativistas.

- 48 Durante a onda de protestos acima mencionada, que bradava que vidas negras importam (*black lives matter*) e em meio à crise da COVID-19, ativistas começaram a chamar atenção para o fato de que o orçamento dedicado para o policiamento, nos Estados Unidos, era muito maior do que para outros serviços, inclusive os de saúde. A NYPD, discutida por Taussig nesse texto, tem a terceira maior fatia do orçamento da cidade⁴⁹. Logo se iniciaram os gritos na rua para diminuir o financiamento da polícia (*defund the police*). Outros ativistas, contudo, sugeriram a abolição da polícia por completo. O mesmo ocorre no Brasil nos protestos, sendo a principal palavra de ordem a urgência da desmilitarização da Polícia Militar.
- 49 Algo que, ao ler e traduzir o texto, nos saltou aos olhos é a pertinência de muitos dos pontos levantados por Taussig para o entendimento do contexto brasileiro. Aqui, como nos Estados Unidos, a atuação da polícia é contestável, na medida em que também são corriqueiras as denúncias de corrupção, de violências, de brutalidade e de assassinatos. Some-se a isso o fato de que grande parte da força policial brasileira é composta pela Polícia Militar, o que por si só já é um problema. Isso sem mencionar as milícias, que hoje dominam o território de cidades como o Rio de Janeiro e estão intimamente ligadas às corporações.
- 50 Como mostra Silva (2020), a ligação entre esses grupos e as corporações policiais é de longa data, assim como, a perpetração dessa violência institucionalizada que hoje ganha a feição de “assassinato como política pública”. Uma polícia que age para garantir a segurança e tem autorização para matar (lembramos a absurda, mas quase banal ao mesmo tempo, frase proferida ⁵⁰pelo então governador do Rio de Janeiro, Wilson Witzel, logo após as eleições de 2018: “a polícia vai mirar na cabecinha e...fogo!”). Os próprios dados trazidos por Silva, de 2019, apontam o crescimento notável da letalidade das ações policiais.
- 51 Dada esta realidade, ao ler o texto de Taussig, pode-se perguntar se de fato há possibilidade de reformar essa corporação. Colocando em suspensão a possibilidade do argumento dos direitos humanos, uma vez que a polícia não está sujeita à lei, Taussig nos leva a pensar além: como fazer uma crítica da polícia sem policiar a polícia, nem policiar a nós mesmos, mas uma “crítica que sucumbe à sua própria crítica como fonte de sabedoria”?
- 52 Ao utilizar metáforas e aliterações (suas marcas registradas, que infelizmente se perdem na tradução), Taussig nos leva a questionar a linha tênue entre o policial e o ladrão (e arriscaríamos dizer, nesta nossa leitura, e o assassino), não no sentido de ver a criminalidade nos atos de policiamento (o que ele chama de um objeto duplo, espectral, policial-ladrão), mas sim a forma como ambos, policiais e ladrões, estão interligados por um fio erótico. E a provocação aqui vem por meio de Jean Genet e de sua construção do distintivo policial como artefato erótico. E, logo em seguida, com Bataille e Leiris e a ideia de uma “aliança profana” (p. 179). Ao buscarem o sagrado em um mundo profano (e hoje diríamos ecoando o próprio Taussig, em recente conferência, de “encantamento macabro”), descrevem este sagrado como ambíguo, perigoso, excitante, proibido, que causa nojo, medo e atração.
- 53 Possivelmente, aqueles que mais entendem esse fio erótico que compõe a figura do policial são os manifestantes que de forma tentadora (ou será sedutora?) se colocam à frente de homens fardados oferecendo uma flor, segurando um cartaz, com um gesto ou

um olhar. Fotos circularam pelo mundo de tais militantes, desarmados, colocando seus corpos nas ruas contra o aparato policial, muitas vezes altamente militarizado. Aqui Butler é uma referência a partir da proposição do conceito de “assembleia” para demarcar os corpos que resistem na vulnerabilidade e se unem no espaço público. Esses manifestantes (resistentes) entendem que existe um leque possível de respostas à sua afronta e incitam essa possibilidade de corrupção, que Taussig argumenta ser central para a polícia. Mais chocante, essas fotos dão luz ao fato de que essa polícia não vai mudar: mesmo quando não está atuando, ela é violenta.

- 54 Taussig, em igual medida, nos ajuda a pensar na teatralidade desse segredo e nos provoca a pensar em como o drama da força e da fraude são essenciais para o funcionamento desse segredo público. Tentar, nas audiências, fazer um policial confessar um crime que ele sequer recorda que cometeu faz parte do funcionamento do segredo em si. Nesse jogo de espelhos, Taussig nos ajuda a questionar a busca pela verdade: o verdadeiro caráter da polícia, se um crime foi ou não cometido pelo policial, e se existe um policiamento que não esteja intrinsecamente relacionado com o ladrão. Utilizando de Bataille e Benjamin, Taussig nos leva a pensar sobre essa suposta “podridão” da polícia. Como no jogo entre “cops” e “police”, não estaria no próprio policiamento, na sua função e papel perante a lei e a violência, o seu caráter obscuro?
- 55 Apesar da grande mídia representar o policial como uma praia, lentamente sucumbindo às tentações e à erosão da corrupção, Taussig vê nessa figura um duplo: o policial-ladrão, que inevitavelmente cria, na sua relação erótica com esse “lado obscuro”, outras figuras policiais: os bons, os não corruptíveis, que devem “policiar a polícia”. Será esse nosso erro? Ele diz: “A lei em si, não menos que os seres humanos, depende - mas deve negar - deste ‘lado obscuro’ como parte de sua própria existência.” Assim, existe uma polícia que não seja racista, truculenta, violenta, corrupta... ou que seja eficiente, funcional, justa? Quem então policia a polícia? Afinal, quem policia a polícia policiando a polícia?
- 56 Com tudo isso em mente, fechamos este texto frisando seu caráter reflexivo frente aos desafios da compreensão e da tradução dos escritos de Taussig. Almejamos que ele seja apenas mais uma possível interpretação de uma obra densa, desafiadora e inventiva e que nos traz tantas possibilidades para entender a contemporaneidade e seus regimes de terror e violência. Finalizamos, citando o próprio Taussig em outra de suas enigmáticas provocações (a mesma que abre o livro *Walter Benjamin's Grave*): “a realidade é um jogo de copos; nossa escrita também deve ser (...) um padrão de ordenação de formas desordenadas, que é sempre aquela [ordenação] final antes da penúltima...” (TAUSSIG, 2006, p. xi)

BIBLIOGRAFIA

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas*. Notas para uma teoria performativa da assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

PARREIRAS, Carolina. Entre a prática, a teoria, a escrita e a experimentação etnográficas: entrevista com Michael Taussig. In: *Revista de Antropologia*. 63(3), 2020. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/177099>

SILVA, Evandro C. O assassinato como política pública. In: *Le Monde Diplomatique*. 14/02/2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-assassinato-como-politica-publica/>

TAUSSIG, Michael. NYPD Blues. In: *Walter Benjamin's Grave*. Chicago: University of Chicago Press, 2006.

_____. *Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem*. Um estudo sobre o terror e a cura. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

_____. Terror as Usual. In: *The Nervous System*. New York/London: Routledge, 1992.

_____. Tom, The Naturalist, conferência apresentada na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, novembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KvuqFGwe4bI&t=8s>

NOTAS

1. No inglês: *New York's Finest* ou *New York's Bravest*. (N.T.)
2. Taussig utiliza o termo *dragnet* para descrever a ação policial durante esse evento, que significa um método de atividades policiais que visam apreender suspeitos através de atividades coordenadas, como levantamento de barricadas, blitz nas rodovias, revistas generalizadas na população de uma área específica etc. O termo deriva da técnica de pesca com redes. (N. T.)
3. Esse é um termo utilizado para descrever a construção de uma fachada para ofuscar alguma condição ou fato indesejado. (N.T.)
4. J. M. Coetzee, "The Vietnam Project," em *Dusklands* (Harmondsworth: Penguin Books, 1974), 1-49.
5. Walter Benjamin, "Zur Kritik der Gewalt" [1920-21], traduzido como "Critique of Violence," in *Reflections*, editado por Peter Demetz (New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1978), 277-301, citação em 286-87. [Traduzido no Brasil com o título "Para uma crítica da violência" (2013)]
6. Benjamin, W. "Critique of Violence," 287. Na versão brasileira, o trecho citado está na página 135.
7. Taussig se refere ao Department of Homeland Security, órgão federal criado após o 11/09/2001 para garantir a segurança pública no país. Entre suas atribuições estão "anti-terrorismo", segurança das fronteiras, segurança cibernética, controle de imigração e prevenção de desastres. (N.T.)
8. Ele escreve sobre como a polícia está suspensa de ambas: a violência que instaura o direito e a que o mantém.
9. Taussig faz uso da palavra *cops* para se referir aos policiais, assim como o termo polícia (*police*). Esse jogo de palavras faz parte da construção do seu argumento. Assim, quando possível, tentamos manter o uso do termo informal "tira" nos momentos em que ele utiliza *cops*. A escolha pelo termo "tira" se dá porque essa gíria é mais abrangente do que outros termos coloquiais que fazem referência especificamente à Polícia Militar ou à Guarda Municipal, por exemplo. (N.T.)

10. Aqui Taussig utiliza a expressão *in between a rock and a hard place*. (N.T.)
11. Editorial, *New York Times*, 5 de maio de 1994, a6.
12. A Columbia University vem realizando, desde o começo dos anos 2000, um projeto de expansão e aquisição de imóveis na área conhecida como West Harlem, aumentando a especulação imobiliária e realizando a remoção das comunidades negras e latinas que ocupavam o território (N.T.).
13. N. R. Kleinfield e James McKinley Jr., “Lives of Courage and Sacrifices, Corruption and Betrayals in Blue,” *New York Times*, 25 de abril de 1994, a64.
14. Jean Genet, *The Thief’s Journal* (Harmondsworth: Penguin, 1976), 157. [Utilizamos a tradução de Jaqueline Laurence e Roberto Lacerda com o título “Diário de um Ladrão” (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015), citação na página 377. Nota-se que a última frase, destacada em colchetes, não consta na versão em português, mas sim na versão em inglês citada por Taussig. Essa frase foi traduzida por nós].
15. Elias Canetti, *Crowds and Power*, traduzido por Carol Stewart (New York: Viking Press, 1962). [No português com o título *Massa e Poder*]
16. Jeffrey Toobin, “Capone’s Revenge,” *New Yorker*, 23 de maio de 1994, 46–59, citação na página 47.
17. Aqui Taussig utiliza a expressão *cops and crims*, sendo que a palavra ladrões (*crims*) aparece também como um termo coloquial ou uma gíria. (N.T.)
18. Toobin, “Capone’s Revenge,” 55.
19. Toobin, “Capone’s Revenge,” 56.
20. Fundada em 1876, essa é uma organização sem fins lucrativos que provê assistência jurídica na cidade de Nova Iorque. (N.T.)
21. Robert Baum citado por Joe Sexton em “Testilying,” *New York Times*, 4 de maio de 1994, a26.
22. Sexton, “Testilying,” a26.
23. Sexton, “Testilying,” a26.
24. Jane B. Freidson, carta para o editor, *New York Times*, 6 de maio de 1994. Ver também a carta de refutação por H. Morgenthau sobre a alegação de Freidson de que a polícia não é processada por perjúrio, *New York Times*, 13 de maio de 1994.
25. Kleinfield and McKinley, “Lives of Courage,” 64.
26. Aqui Taussig faz referência aos veios de mineração, criando uma associação com o ouro, utilizado logo em seguida para se referir aos segredos. (N.T.)
27. Curt Gentry, *Edgar Hoover: The Man and the Secrets* (New York: Norton, 1991), 728.
28. Taussig faz uma descrição de um policial fora de serviço e sem uniforme e utiliza o termo *cops* (tira), termo que retoma e discute a seguir. (N.T.)
29. Sigmund Freud, “The Antithetical Meaning of Primal Words,” em *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, editado e traduzido por James Strachey, vol. 11 (London: Hogarth, 1957), 153–61.
30. Taussig utiliza as seguintes gírias para se referir à polícia: *dick*, *fuzz*, *flatfoot*, *sleuth*, e *gumshoe*. (N.T.)
31. Aqui Taussig faz uso do termo *cop*, contudo mantivemos o termo policial. (N.T.)

32. Conferir o trabalho de Georges Bataille sobre o sagrado, abjeto e o poder, como em “Attraction and Repulsion II” em *The College of Sociology (1937-39)*, editado por Denis Hollier (Minneapolis: University of Minnesota Press, 1988), 113-24; e em Bataille, *The Accursed Share*, 2 vols. (New York: Zone Books, 1988, 1991). Também em Roger Caillois, “Power,” em Hollier, *College of Sociology*, 125-36. Esse último parece ser o produto de uma combinação Bataille-Caillois.
33. Sigmund Freud, *Totem and Taboo*, em *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, editado e traduzido por James Strachey, vol. 13 (London: Hogarth, 1957), 1-161, citações nas páginas 18, 22.
34. Benjamin, “Critique of Violence,” 287. [Utilizamos a tradução em português já referenciada. A citação está na página 136].
35. Aqui é importante o trabalho eclético e fascinante de Georges Sorel, *Reflexões Sobre a Violência*, publicado pela primeira vez em 1915. Sorel tem capítulos separados sobre “A Greve do Proletariado” e “A Greve Geral Política”. Sua disposição para ver “o todo”, de ver a violência não menos que a greve geral em termos da mitologia apocalíptica do Cristianismo, torna esse trabalho relevante para a preocupação filosófica e religiosa similar de Benjamin com a violência. Ademais, me parece que o trabalho de Sorel é a base dos posicionamentos estranhos de Benjamin com relação ao “pessimismo” no final dos ensaios de Benjamin sobre o surrealismo - um pessimismo que se une de forma eloquente com a releitura que Benjamin faz de Blanqui.
36. Benjamin, “Critique of Violence,” 286.
37. Bataille, *Accursed Share*, 2: 95.
38. Bataille, ver nota 33. Roger Caillois, “The Sociology of the Executioner,” em *The College of Sociology (1937-39)*, editado por Denis Hollier (Minneapolis: University of Minnesota Press, 1988).
39. Taussig faz um jogo de palavras com o termo *man*: *man this thin blue line* que pode significar tanto controlar como o homem na linha azul, ou seja, o policial em si. (N.T.)
40. Taussig faz um jogo com as palavras: *life is a beach* que literalmente significa que a vida é uma praia, mas se parece com a expressão *life is a bitch*, ou seja, a vida é uma merda. (N.T.)
41. Walter Benjamin, “Franz Kafka: On the Tenth Anniversary of His Death,” em *Illuminations*, editado por Hannah Arendt (New York: Schocken, 1969), 111-40.
42. Alexandre Kojève, *Introduction to the Reading of Hegel: Lectures on “The Phenomenology of Spirit,”* reunido por Raymond Queneau, editado por Allan Bloom (Ithaca: Cornell University Press, 1980), 7.
43. Louis Althusser, “*Lenin and Philosophy, and Other Essays*,” traduzido por Ben Brewster (New York: Monthly Review, 1971). Altamente citado e lido nesta coleção por mais de uma década é o ensaio “Ideology and Ideological State Apparatuses,” 127-86.
44. Nicos Poulantzas, *State, Power, Socialism*, traduzido por Patrick Camiller (New Left Books: London, 1978), 83. [Utilizamos a tradução de Rita Lima, com o título O Estado, O Poder, O Socialismo (Graal: Rio de Janeiro, 1980), 94]
45. Taussig retoma essa discussão em uma recente entrevista concedida a Carolina Parreiras (2020), uma das autoras deste texto.
46. <https://www.nytimes.com/2020/08/20/nyregion/nypd-ccrb-records-published.html>

47. <https://www.hrw.org/news/2020/09/30/us-new-york-police-planned-assault-bronx-protesters>

48. Ressaltamos que, mesmo durante a pandemia de COVID-19, a polícia continuou com sua atuação e truculência. No caso do Brasil, o caso mais emblemático foi a continuidade das operações policiais em favelas na cidade do Rio de Janeiro, mesmo frente a uma crise sanitária.

49. <https://cbcny.org/research/seven-facts-about-nypd-budget>

50. <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2018/11/01/a-policia-vai-mirar-na-cabecinha-e-fogo-afirma-wilson-witzel.htm>